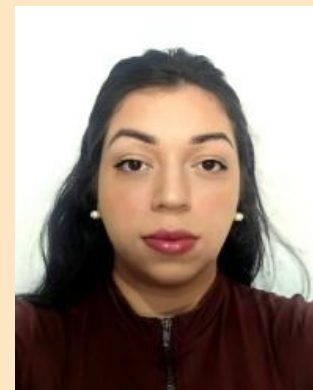


RAÍZES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

ROOTS OF AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AND ITS APPLICATION IN ELEMENTARY AND MIDDLE SCHOOL EDUCATION



BIANCA DE FREITAS PEREIRA NAVARRO

Licenciatura em Pedagogia – Universidade Anhembi Morumbi (2017); Pós-graduação em Psicopedagogia – Universidade Anhembi Morumbi (2021). Professora de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SP.

RESUMO

O presente artigo examina as raízes históricas e culturais da literatura afro-brasileira, investigando suas origens desde o período colonial até as manifestações contemporâneas, com ênfase especial nas possibilidades de aplicação pedagógica no contexto do Ensino Fundamental. O trabalho demonstra que a literatura afro-brasileira constitui ferramenta pedagógica fundamental para desconstruir estereótipos raciais, promover a equidade étnico-racial e valorizar a contribuição negra na formação da sociedade brasileira. Conclui-se que a inserção sistemática dessa literatura nas práticas escolares do Ensino Fundamental representa avanço significativo na construção de uma educação antirracista e inclusiva, capaz de dialogar com as vivências e histórias dos estudantes afrodescendentes, ao mesmo tempo em que proporciona a todos os alunos o acesso a um patrimônio literário historicamente invisibilizado pelos cânones tradicionais.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira; Ensino Fundamental; Lei 10.639/2003; Educação Antirracista; Identidade Negra.

ABSTRACT

This article examines the historical and cultural roots of Afro-Brazilian literature, investigating its origins from the colonial period to contemporary manifestations, with a special emphasis on its potential for

pedagogical application within the context of elementary and middle school education (Ensino Fundamental). The study demonstrates that Afro-Brazilian literature serves as a fundamental pedagogical tool for deconstructing racial stereotypes, promoting ethnic-racial equity, and valuing the Black contribution to the formation of Brazilian society. It concludes that the systematic integration of this literature into school practices represents a significant step forward in building an anti-racist and inclusive education system—one capable of engaging with the lived experiences and histories of students of African descent while simultaneously providing all students with access to a literary heritage historically rendered invisible by traditional canons.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Elementary and Middle School Education; Law 10.639/2003; Anti-racist Education; Black Identity.

INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira constitui vertente fundamental do sistema literário nacional, embora tenha permanecido por décadas relegada às margens dos currículos escolares e dos estudos acadêmicos. Segundo Duarte (2008, p. 11), trata-se de produção literária que emerge da vivência e perspectiva do sujeito de ascendência africana no Brasil, marcada pela temática, autoria e ponto de vista assumido em relação à identidade étnico-racial. A constituição dessa literatura remonta aos primeiros séculos da colonização brasileira, quando africanos escravizados e seus descendentes começaram a elaborar formas de expressão artística que mesclavam elementos da tradição oral africana com a língua portuguesa e os gêneros literários ocidentais. Entretanto, por muito tempo, essas manifestações foram desconsideradas como produção literária legítima, relegadas ao esquecimento ou apropriadas por vozes brancas que se atribuíam a autoridade de falar sobre a experiência negra. Somente nas últimas décadas do século XX, com o fortalecimento dos movimentos sociais negros e a emergência de uma geração de escritores e críticos literários comprometidos com a valorização da cultura afro-brasileira, essa produção começou a ser sistematicamente estudada e reconhecida como parte integrante da literatura nacional.

É importante destacar que a tardia valorização acadêmica da literatura afro-brasileira reflete as estruturas de poder que historicamente determinaram quais vozes mereciam ser ouvidas e quais deveriam permanecer silenciadas. Conforme aponta Evaristo (2009, p. 18), a escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande, mas sim para incomodá-los em seus sonos injustos. Essa perspectiva evidencia o caráter político e contestador dessa literatura, que não se limita a reproduzir as convenções estéticas dominantes, mas busca criar uma estética própria, enraizada nas experiências coletivas da população negra brasileira. A escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo, sintetiza a indissociabilidade entre vida e escrita, entre a memória ancestral e a criação literária, entre o

testemunho histórico e a elaboração artística. Tal perspectiva desafia os paradigmas eurocêntricos que tradicionalmente orientaram os estudos literários no Brasil, propondo novos critérios de valoração estética que reconhecem a especificidade da experiência negra como matriz criativa legítima.

Vale elencar que a implementação da Lei 10.639, sancionada em janeiro de 2003, representou marco decisivo para a inserção da literatura afro-brasileira nos espaços escolares. Conforme determina a legislação, as escolas de Educação Básica devem incluir em seus currículos o estudo da história e cultura afro-brasileira, abordando especialmente a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à formação da sociedade brasileira. Segundo Santos (2005, p. 35), a Lei 10.639/03 emerge como resposta às reivindicações históricas do movimento negro brasileiro por uma educação que reconheça e valorize a diversidade étnico-racial do país. Essa conquista legal, entretanto, não garante automaticamente sua efetivação nas práticas pedagógicas cotidianas. Numerosos desafios persistem na implementação da lei, desde a formação insuficiente dos professores para trabalhar com a temática até a escassez de materiais didáticos adequados e a resistência de setores conservadores que questionam a necessidade de políticas afirmativas no campo educacional.

Ademais, a literatura afro-brasileira oferece ao Ensino Fundamental possibilidades pedagógicas particularmente ricas para o desenvolvimento de competências leitoras, para a formação da consciência crítica e para a construção de identidades positivas entre estudantes negros. Conforme argumenta Souza (2005, p. 56), ao se depararem com personagens negros apresentados não como estereótipos inferiorizados, mas como sujeitos complexos, dotados de humanidade plena, os estudantes afrodescendentes podem ressignificar suas próprias identidades.

Pode-se mencionar ainda que o presente artigo se propõe a investigar as raízes históricas da literatura afro-brasileira, identificando seus principais precursores e as características estéticas que a distinguem das correntes literárias hegemônicas, ao mesmo tempo em que examina as estratégias pedagógicas mais eficazes para sua aplicação no Ensino Fundamental. Para tanto, será realizada análise de autores fundamentais dessa tradição literária, desde escritores pioneiros do século XIX até representantes contemporâneos, articulando suas produções com o contexto sócio-histórico em que emergiram. Posteriormente, serão discutidas as potencialidades da literatura afro-brasileira como instrumento de educação antirracista, considerando tanto os aspectos metodológicos quanto os desafios práticos enfrentados pelos educadores. A relevância deste estudo justifica-se pela urgência de se construir práticas educacionais verdadeiramente inclusivas, que reconheçam e valorizem a diversidade como elemento constitutivo da identidade nacional, superando os paradigmas monoculturais que ainda predominam em muitos contextos escolares.

DESENVOLVIMENTO

A genealogia da literatura afro-brasileira remonta aos primeiros séculos da colonização, quando as tradições orais africanas começaram a se entrelaçar com as formas literárias europeias impostas pelo sistema colonial. Conforme observa Bernd (1988, p. 22), mesmo sob as condições brutais da escravidão, os africanos e seus descendentes mantiveram vivas suas tradições narrativas, suas canções, seus provérbios e suas cosmogonias, adaptando-os à nova realidade e criando sínteses culturais originais. Essas manifestações, embora não fossem reconhecidas como literatura no sentido canônico do termo, constituíram o substrato cultural sobre o qual se edificaria posteriormente a produção literária escrita de autores afrodescendentes. As narrativas orais transmitidas de geração em geração preservaram memórias da África ancestral, valorizaram a sabedoria dos mais velhos e ofereceram estratégias simbólicas de resistência à desumanização imposta pelo regime escravocrata. Essa literatura oral, com sua estrutura peculiar, suas técnicas performáticas e seus conteúdos específicos, representa a primeira camada histórica da literatura afro-brasileira, sem a qual não seria possível compreender plenamente as obras escritas que viriam posteriormente.

Necessariamente, deve-se reconhecer que a transição da oralidade para a escrita representou desafio complexo para os escritores afro-brasileiros, uma vez que a alfabetização era sistematicamente negada à população escravizada e mesmo aos negros livres enfrentavam barreiras significativas para acessar a educação formal. Segundo Cuti (2010, p. 44), o domínio da escrita por parte de autores negros constituía ato de transgressão, de afirmação da humanidade negada, de apropriação de um instrumento de poder tradicionalmente monopolizado pelas elites brancas. Nesse contexto, cada texto produzido por um autor afrodescendente representava vitória contra as estruturas de opressão que buscavam mantê-los em posição subalterna. Os primeiros escritores negros brasileiros precisaram não apenas dominar as convenções literárias europeias, mas também encontrar formas de expressar suas experiências específicas dentro de um sistema simbólico que não fora criado para representá-las adequadamente.

Entre os precursores da literatura afro-brasileira, destaca-se Maria Firmina dos Reis, autora maranhense que publicou em 1859 o romance *Úrsula*, considerado por muitos estudiosos como a primeira obra abolicionista da literatura brasileira escrita por uma mulher negra. Conforme analisa Duarte (2004, p. 267), Maria Firmina inovou ao dar voz aos escravizados, permitindo que narrassem suas próprias histórias de sofrimento e resistência, rompendo com a tradição literária que os representava apenas como objetos passivos ou figuras pitorescas. No romance, personagens como o africano Túlio e a mãe Suzana relatam suas experiências de captura na África, da travessia forçada pelo Atlântico e dos horrores da escravidão no Brasil, humanizando aqueles que a sociedade escravocrata insistia em desumanizar. A autora não apenas denunciou a crueldade do sistema escravista, mas também celebrou a dignidade, a inteligência e a capacidade de resistência dos africanos e seus descendentes, antecipando temas que se tornariam centrais na literatura afro-brasileira posterior.

Outro nome fundamental para a consolidação da literatura afro-brasileira foi Luiz Gama, poeta, jornalista e advogado autodidata que dedicou sua vida à luta abolicionista. Segundo Ferreira (2011, p. 89), Luiz Gama utilizou a poesia como arma política, produzindo textos satíricos que ridicularizavam a hipocrisia das elites escravocratas e afirmavam orgulhosamente sua negritude numa época em que isso representava ato de extrema coragem. Em poemas como "Quem sou eu?", Gama assume sua identidade negra com altivez, subvertendo os estereótipos raciais vigentes e reivindicando para si e para seu povo o direito à dignidade e ao respeito. Sua obra literária, indissociável de sua militância política, demonstra que a literatura afro-brasileira nasce visceralmente ligada aos projetos de emancipação e transformação social, recusando-se a ser mero exercício estético descompromissado com as urgências históricas de seu tempo.

É necessário apontar que o século XX testemunhou a emergência de vozes literárias negras cada vez mais numerosas e diversificadas, que consolidaram definitivamente a literatura afro-brasileira como vertente autônoma do sistema literário nacional. Lima Barreto, escritor carioca nascido em 1881, produziu obras como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*, nas quais abordou frontalmente a questão racial brasileira, denunciando o racismo que permeava todas as esferas da sociedade. Conforme analisa Schwarcz (2017, p. 156), Lima Barreto construiu personagens negros complexos, dotados de consciência crítica sobre sua condição social, que questionavam as estruturas de poder e recusavam os lugares subalternos que lhes eram destinados. Sua literatura documental e engajada antecipou procedimentos que seriam amplamente utilizados por escritores afro-brasileiros posteriores, estabelecendo parâmetros estéticos e éticos para uma literatura comprometida com a denúncia das injustiças raciais e com a construção de narrativas alternativas sobre a experiência negra no Brasil.

Outrossim, a segunda metade do século XX foi marcada pela publicação de *Quarto de Despejo*, diário da catadora de papel Carolina Maria de Jesus, que se tornou fenômeno editorial em 1960. Segundo Meihy (1998, p. 103), Carolina escrevia em cadernos que encontrava no lixo, registrando seu cotidiano na favela do Canindé, em São Paulo, com uma perspectiva ao mesmo tempo íntima e socialmente consciente. Sua escrita, marcada por uma linguagem direta e por metáforas poderosas, revelou ao Brasil a realidade das periferias urbanas vista de dentro, por quem a vivenciava diariamente. Carolina não apenas denunciou a fome, a miséria e o abandono a que eram submetidas as populações faveladas, mas também reivindicou para si o direito de ser reconhecida como escritora, desafiando as hierarquias que reservavam a produção literária às elites letradas. Sua obra fundou uma tradição de escrita periférica e autobiográfica que seria retomada e ampliada por gerações posteriores de escritores afro-brasileiros.

Vale denotar que o movimento dos *Cadernos Negros*, iniciado em 1978 pelo grupo Quilombhoje, representou ponto de inflexão na história da literatura afro-brasileira contemporânea. Conforme explica Ribeiro (2008, p. 72), os *Cadernos Negros* constituem publicação coletiva e independente que reúne poemas e contos de autores negros, funcionando como espaço de afirmação literária e política para escritores que encontravam dificuldades para publicar em editoras convencionais. Ao longo de mais de

quatro décadas de existência ininterrupta, os Cadernos Negros revelaram dezenas de escritores que se tornaram referências na literatura nacional, estabelecendo uma rede de solidariedade e apoio mútuo entre autores negros e consolidando a literatura afro-brasileira como movimento organizado. A iniciativa demonstrou que era possível criar circuitos alternativos de produção, circulação e recepção literária, que valorizassem as especificidades estéticas e temáticas da literatura negra sem submetê-la aos critérios excludentes do mercado editorial hegemônico.

Além disso, a obra de Conceição Evaristo representa uma das contribuições mais significativas para a literatura afro-brasileira contemporânea, tanto pelo valor estético de seus textos quanto pela elaboração teórica do conceito de *escrevivência*. Segundo a própria autora (EVARISTO, 2007, p. 21), a *escrevivência* implica em escrever a partir das experiências vividas, transformando a memória pessoal e coletiva em matéria literária, numa operação que não separa vida e arte, mas as entrelaça inextricavelmente. Suas obras, como *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, constroem narrativas nas quais as personagens femininas negras ocupam posição central, não como vítimas passivas das circunstâncias, mas como sujeitos ativos que lutam pela sobrevivência física e psicológica, pela preservação de suas memórias e pela construção de futuros possíveis. Evaristo inaugura uma escrita feminina negra que articula as dimensões de raça, gênero e classe, revelando as múltiplas opressões que incidem sobre as mulheres negras brasileiras e celebrando simultaneamente sua força e resistência.

Cumprе ressaltar que a aplicação da literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental encontra respaldo legal na Lei 10.639/2003 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Conforme estabelece Silva (2007, p. 490), essas normativas determinam que as escolas brasileiras devem promover a valorização da diversidade étnico-racial, combater o racismo e a discriminação, e garantir o direito dos estudantes negros de se reconhecerem positivamente em sua identidade racial. A literatura afro-brasileira constitui recurso pedagógico privilegiado para o cumprimento desses objetivos, pois permite que os estudantes entrem em contato com representações positivas e complexas de personagens negros, conheçam autores afrodescendentes que se destacaram na produção cultural brasileira e desenvolvam consciência crítica sobre as questões raciais que atravessam a sociedade. Quando trabalhada adequadamente, essa literatura contribui para desconstruir estereótipos, ampliar repertórios culturais e formar cidadãos mais conscientes e comprometidos com a justiça social.

No entanto, a implementação efetiva da Lei 10.639/2003 nas escolas brasileiras ainda enfrenta obstáculos significativos que limitam o potencial transformador da literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental. Segundo Gomes (2012, p. 345), muitos professores relatam insegurança para abordar as questões raciais em sala de aula, temendo suscitar conflitos ou não dispor de conhecimento suficiente sobre a temática. Essa insegurança docente resulta frequentemente em abordagens superficiais, que se limitam a celebrações folclóricas ou a menções pontuais a personalidades negras históricas, sem promover reflexão profunda sobre o racismo estrutural e suas manifestações contemporâneas. Além

disso, persiste a escassez de materiais didáticos que incorporem adequadamente a literatura afro-brasileira, bem como a formação inicial e continuada de professores frequentemente não contempla disciplinas específicas sobre relações étnico-raciais e literatura afro-brasileira.

Pode-se mencionar, ademais, que estratégias pedagógicas exitosas para o trabalho com literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental incluem a realização de projetos de leitura que articulem textos literários com outras linguagens artísticas, como música, cinema e artes visuais. Conforme sugere Munanga (2005, p. 17), atividades que permitam aos estudantes expressar suas próprias histórias e identidades, inspirados pelas obras lidas, favorecem processos de identificação e apropriação crítica dos conteúdos. Rodas de leitura nas quais os alunos possam compartilhar suas impressões sobre os textos, saraus literários que valorizem a oralidade característica da tradição afro-brasileira e oficinas de escrita criativa que incentivem os estudantes a produzirem seus próprios textos são exemplos de práticas que potencializam o impacto formativo dessa literatura. Essas metodologias ativas colocam os estudantes como protagonistas de seus processos de aprendizagem e favorecem o desenvolvimento de competências como interpretação textual, expressão oral e escrita, pensamento crítico e sensibilidade estética.

Convém destacar que a seleção de obras literárias afro-brasileiras adequadas para o Ensino Fundamental deve considerar tanto a faixa etária dos estudantes quanto a progressão na complexidade dos textos ao longo dos anos escolares. Para os anos iniciais, autores como Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz e Heloisa Pires Lima produzem obras que abordam a cultura africana e afro-brasileira de forma acessível, valorizando a estética, os valores e as tradições dessas culturas. Segundo Jovino (2006, p. 212), essas obras permitem que as crianças desenvolvam desde cedo uma visão positiva da diversidade étnico-racial, familiarizando-se com personagens, histórias e referências culturais que raramente aparecem nos livros infantis tradicionais. Já para os anos finais do Ensino Fundamental, torna-se possível introduzir textos mais complexos, que problematizem explicitamente as questões do racismo, do preconceito e das desigualdades sociais, sempre acompanhados de mediação pedagógica cuidadosa que auxilie os estudantes a processarem os conteúdos e desenvolverem posicionamentos críticos fundamentados.

Torna-se necessário apontar que o trabalho com literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental não deve se restringir a datas comemorativas como o Dia da Consciência Negra, mas precisa estar integrado ao currículo de forma permanente e transversal. Conforme argumenta Cavalleiro (2001, p. 158), abordar as questões raciais apenas em momentos pontuais reforça a percepção de que se trata de tema secundário, desvinculado dos conteúdos centrais da escola. Pelo contrário, a literatura afro-brasileira deve dialogar com os diversos componentes curriculares, enriquecendo as discussões em Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes e outras disciplinas. Quando um professor de História aborda o período escravocrata, por exemplo, pode complementar os conteúdos factuais com a leitura de trechos de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, permitindo que os estudantes compreendam aquele

período histórico também pela perspectiva literária dos sujeitos escravizados. Essa articulação interdisciplinar potencializa a aprendizagem e demonstra a relevância contemporânea da literatura afro-brasileira.

Igualmente relevante é considerar que o trabalho pedagógico com literatura afro-brasileira deve estar atento às particularidades regionais e locais, valorizando autores e manifestações culturais específicas de cada contexto. Segundo Muniz (2009, p. 134), o Brasil apresenta enorme diversidade nas formas como as culturas africanas se ressignificaram em diferentes regiões, gerando expressões literárias e artísticas singulares que merecem ser conhecidas e celebradas. Na Bahia, por exemplo, a literatura afro-brasileira dialoga intensamente com o candomblé e com as manifestações culturais do Recôncavo Baiano. No Rio Grande do Sul, a presença africana se manifesta de formas distintas, relacionadas às especificidades históricas da região. Reconhecer e valorizar essas particularidades enriquece o trabalho pedagógico e permite que os estudantes identifiquem as conexões entre a literatura e suas próprias realidades locais.

Outrossim, os contos e poemas publicados nos Cadernos Negros oferecem material riquíssimo para o trabalho no Ensino Fundamental, especialmente porque apresentam diversidade de estilos, temáticas e perspectivas. Conforme analisa Fonseca (2006, p. 98), essas obras abordam desde questões da ancestralidade e da religiosidade afro-brasileira até problemáticas urbanas contemporâneas, como a violência policial, o encarceramento em massa e as desigualdades socioeconômicas. Essa diversidade temática permite que professores selecionem textos adequados aos interesses e necessidades específicas de suas turmas, estabelecendo conexões entre a literatura e as realidades vividas pelos estudantes. Além disso, o formato relativamente curto dos contos e poemas facilita sua utilização em sala de aula, permitindo leituras completas, análises detalhadas e discussões aprofundadas mesmo dentro dos limites temporais das aulas regulares.

É fundamental salientar que a literatura afro-brasileira contemporânea tem incorporado cada vez mais a perspectiva interseccional, articulando as dimensões de raça, gênero, classe, sexualidade e territorialidade na construção de suas narrativas. Segundo Collins (2019, p. 271), a interseccionalidade reconhece que as opressões não atuam de forma isolada, mas se entrecruzam e se potencializam mutuamente, produzindo experiências específicas que não podem ser compreendidas adequadamente pela análise de apenas uma dimensão. Autoras como Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Miriam Alves e Lívia Natália produzem textos que evidenciam como mulheres negras vivenciam simultaneamente o racismo, o machismo e a exploração de classe, desenvolvendo estratégias de resistência que respondem a essa multiplicidade de opressões. Introduzir essas perspectivas no Ensino Fundamental, respeitando a idade e a maturidade dos estudantes, contribui para formar uma compreensão mais sofisticada e realista das dinâmicas sociais brasileiras.

Convém assinalar também que o trabalho com literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental deve estar articulado com ações mais amplas de promoção da equidade racial no ambiente escolar. Segundo Cavalleiro (2000, p. 98), não basta incluir conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira se o cotidiano escolar continua reproduzindo práticas discriminatórias, se os materiais didáticos persistem apresentando apenas pessoas brancas em posições de prestígio, se o corpo docente não reflete a diversidade racial da sociedade brasileira. A literatura afro-brasileira funciona melhor quando inserida em projetos político-pedagógicos comprometidos integralmente com a educação antirracista, que revisem currículos, formem continuamente os profissionais da educação, estabeleçam canais de diálogo com famílias e comunidades e implementem mecanismos de monitoramento e correção de práticas discriminatórias.

É imperioso observar que as tecnologias digitais oferecem novas possibilidades para ampliar o acesso e a circulação da literatura afro-brasileira no contexto escolar. Segundo Ribeiro (2014, p. 189), plataformas digitais, blogs literários mantidos por autores negros, podcasts dedicados à literatura afro-brasileira e redes sociais constituem espaços nos quais essa produção literária circula intensamente, alcançando públicos que dificilmente teriam acesso a ela pelos canais tradicionais. Professores podem utilizar esses recursos digitais para enriquecer suas práticas pedagógicas, promovendo encontros virtuais com autores, criando blogs da turma nos quais os estudantes publiquem suas produções textuais, organizando clubes de leitura online que conectem diferentes escolas em torno da leitura de obras afro-brasileiras. Essas possibilidades tecnológicas não substituem o livro físico e a mediação presencial, mas as complementam, ampliando significativamente o alcance e o impacto do trabalho com literatura afro-brasileira.

Vale ressaltar, ademais, que a avaliação do trabalho com literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental não deve se restringir à verificação da compreensão textual em sentido estrito, mas precisa considerar transformações mais amplas nas atitudes, valores e perspectivas dos estudantes. Conforme sugere Moreira (2010, p. 276), instrumentos avaliativos podem incluir rodas de conversa nas quais os estudantes compartilhem como as leituras afetaram suas compreensões sobre as questões raciais, produções textuais criativas inspiradas nas obras estudadas, apresentações artísticas que reelaborem temas e personagens da literatura afro-brasileira. Esse tipo de avaliação processual e qualitativa valoriza os aspectos formativos da educação literária, reconhecendo que o principal objetivo do trabalho com literatura afro-brasileira não é a memorização de informações sobre autores e obras, mas o desenvolvimento de sensibilidades, consciências e compromissos com a justiça racial.

Cabe mencionar ainda que as pesquisas acadêmicas sobre a implementação da Lei 10.639/2003 têm documentado experiências pedagógicas exitosas que podem inspirar outros educadores a desenvolverem práticas similares em seus contextos. Segundo Santos (2013, p. 412), escolas que conseguiram incorporar substantivamente a literatura afro-brasileira em seus currículos reportam ampliação do repertório cultural de todos os estudantes e fortalecimento do diálogo entre escola e

comunidades. Essas experiências demonstram que, apesar dos desafios, é possível construir práticas educacionais verdadeiramente inclusivas e antirracistas quando há comprometimento institucional, formação adequada dos profissionais e valorização da literatura afro-brasileira como patrimônio cultural relevante para toda a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação das raízes da literatura afro-brasileira e de suas potencialidades pedagógicas para o Ensino Fundamental evidencia que essa produção literária constitui elemento fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, antirracista e comprometida com a valorização da diversidade étnico-racial brasileira. Desde os primeiros escritores negros do século XIX, que ousaram apropriar-se da palavra escrita para narrar suas próprias histórias e contestar as representações estereotipadas impostas pela literatura hegemônica, até os autores contemporâneos que continuam ampliando e diversificando essa tradição, a literatura afro-brasileira tem desempenhado papel crucial na afirmação da humanidade, da dignidade e da criatividade da população negra. Reconhecer essa literatura como parte integrante do patrimônio cultural nacional e incorporá-la sistematicamente aos currículos escolares representa não apenas cumprimento de obrigação legal estabelecida pela Lei 10.639/2003, mas principalmente compromisso ético e político com a formação de cidadãos críticos, conscientes das desigualdades raciais e comprometidos com sua superação.

No entanto, os desafios para a efetivação desse trabalho pedagógico permanecem significativos e exigem atenção continuada de gestores educacionais, formadores de professores, editores, pesquisadores e da sociedade como um todo. A insuficiente formação docente para lidar com as questões étnico-raciais, a persistente escassez de materiais didáticos adequados, as resistências ideológicas de setores conservadores e a dificuldade de superar práticas pedagógicas tradicionais que privilegiam cânones literários eurocêntricos constituem obstáculos reais que precisam ser enfrentados mediante políticas públicas consistentes, investimento em formação continuada, produção de materiais de apoio e fortalecimento das redes de educadores comprometidos com a educação antirracista. Somente assim será possível transformar a conquista legal representada pela Lei 10.639/2003 em realidade cotidiana nas escolas brasileiras, garantindo que todos os estudantes tenham acesso à riqueza e à diversidade da literatura afro-brasileira.

É necessário enfatizar que o trabalho com literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental transcende a dimensão meramente cognitiva da educação, atingindo também as esferas afetiva, identitária e política. Para estudantes negros, deparar-se com personagens complexos e positivos que se parecem com eles, conhecer autores afrodescendentes que alcançaram reconhecimento literário e

ter suas histórias e culturas valorizadas no espaço escolar pode representar diferença decisiva na construção de identidades positivas. Ademais, o presente estudo demonstra que a literatura afro-brasileira não constitui fenômeno recente ou marginal, mas tradição consolidada que se estende por mais de século e meio de produção continuada, envolvendo dezenas de autores de diferentes regiões, estilos e gerações. Desde Maria Firmina dos Reis e Luiz Gama no século XIX, passando por Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus no século XX, até Conceição Evaristo e os autores dos Cadernos Negros na contemporaneidade, essa literatura tem desenvolvido linguagens, temas e perspectivas específicas que a distinguem da produção literária hegemônica. Reconhecer essa tradição, estudá-la criticamente e incorporá-la aos processos educacionais representa não apenas justiça histórica com os autores afro-brasileiros injustamente invisibilizados, mas principalmente enriquecimento cultural e pedagógico para toda a sociedade. Uma educação literária verdadeiramente completa não pode prescindir dessa vertente fundamental da literatura nacional.

Por fim, conclui-se que a aplicação da literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental, quando realizada de forma sistemática, crítica e comprometida, contribui decisivamente para a formação de leitores competentes, cidadãos conscientes e sujeitos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Os desafios são inegáveis, mas as experiências exitosas documentadas pela pesquisa educacional demonstram que é possível superá-los mediante formação adequada, materiais de qualidade, metodologias apropriadas e, sobretudo, compromisso político-pedagógico com a educação antirracista. A literatura afro-brasileira não é apenas conteúdo a ser ensinado, mas ferramenta de transformação social, instrumento de afirmação identitária e espaço de reconhecimento da pluralidade que constitui a identidade brasileira. Incorporá-la plenamente aos currículos escolares representa passo fundamental na construção do país democrático, justo e inclusivo que almejamos.

REFERÊNCIAS

BERND, Z. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Educando anti-racismo: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, E. A. **Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira**. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 265-281.

_____. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FERREIRA, L. F. **Luiz Gama: poeta e cidadão**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, N. L. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

JOVINO, I. S. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 209-224.

MEIHY, J. C. S. B. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio**. São Paulo: USP, 1998.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 156-168, maio/ago. 2003.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNIZ, K. S. **Linguagens, identidades e letramentos: práticas educativas na formação de professores**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Cadernos Negros: três décadas de poesia e prosa afro-brasileira**. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 4, p. 65-82.

SANTOS, I. A. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p. 97-113.

SANTOS, S. A. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro**. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 21-37.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, P. B. G. **Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 155-172.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.